



/ História / Crash 1929

Tudo o que sobe desce. E o balão estourou, numa **quinta-feira**, em **Wall Street**. O mundo mudou de um dia para o outro e os loucos anos 20 deram lugar à **Grande Depressão**, que iria ser, afinal, a antecâmara da II Guerra Mundial. Por todo o lado, a mancha do totalitarismo cresceu. E as horas da indústria relojoeira foram negras.

Texto Fernando Correia de Oliveira

Recordando o



<http://boards.nbc.com/nbc/index.php?act=Print&client=printer&f=8&t=790937>
NBC - The Tonight Show with Jay Leno - The Great Recession of 2008

O Crash de Wall Street na primeira página do London Herald de 25 de Outubro de 1929
http://peterjcooper.files.wordpress.com/2008/05/wall_street_crash_1929.jpg

Poster alusivo ao Crash de 1929
https://www.allposters.com/-st/American-Moments-Posters_c6600_p2_.htm



Em Fevereiro de 1929, Friedrich von Hayek, **economista austríaco**, avisava: «... o boom colapsará dentro de poucos meses». Foi dos poucos economistas que previu o *crash*. Recebeu o Prémio Nobel em 1974.

No Verão de 1929, Ludwig von Mises, um financeiro austríaco, secundava von Hayek: «... aproxima-se um grande *crash* e não quero o meu nome de alguma maneira associado a ele». Era a sua resposta ao convite que lhe fora feito, e que rejeitara, para presidir ao Kredit Anstalt, na altura um dos maiores bancos da Europa. Dois anos depois, o Kredit declarava falência.

A 24 de Outubro de 1929, uma quinta-feira, dava-se o *crash* na bolsa de Nova Iorque. A indústria relojoeira mundial não ficaria, naturalmente, imune ao desastre. Nos gloriosos anos loucos, que tinham antecedido aquilo que depois veio a chamar-se a Grande Depressão, o relógio de pulso tinha começado a ganhar paulatinamente terreno ao relógio de bolso. Um dos factores determinantes para isso terá sido o desembarque, na Europa, de centenas de milhares de soldados norte-americanos, no epílogo da I Guerra Mundial, cujos oficiais e sargentos usavam marcadores de tempo no pulso em lugar de no bolso, por se achar que eram mais práticos para a coordenação cronológica das operações militares. E se, até então, o relógio de pulso tinha tido fraca aceitação junto do público masculino, que



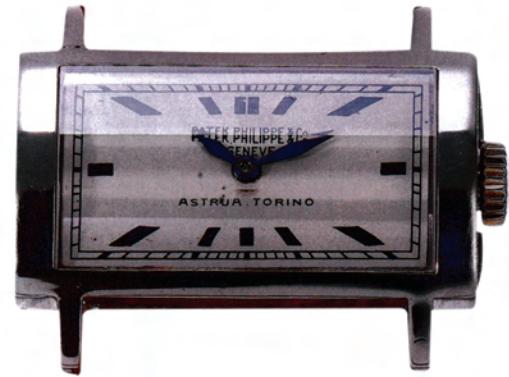
Em Portugal

Desde Abril de 1928, Salazar era Ministro das Finanças do governo da ditadura militar saído do golpe de estado de 28 de Maio de 1926. Portugal estava exangue, mercê de séculos de miséria monárquica, de 16 anos de anarquia republicana, de dois anos de participação desastrosa na I Guerra Mundial. Era um país esfrangalhado social, política, económica e financeiramente que apanhava com o *crash* e a crise internacional. Salazar, em entrevista ao Novidades, declarava: «nunca nenhum médico perguntou a um doente o remédio que ele deseja tomar, mas apenas o que é que lhe dói». O seu remédio para o saneamento das finanças passava pela auto-suficiência, pelo limitar das importações. A passagem de Salazar pelas finanças foi de curta duração, tendo regressado a Coimbra, para voltar pouco depois, para ser chefe de governo e aí ficar 38 anos. Outro dos pilares do regime, o seu amigo de seminário, Gonçalves Cerejeira, era



A tradição do mecânico imperava ainda. Prodigiosas criações continuavam a ser fabricadas pela Patek Phillipe ou pela Jaeger-LeCoultre. Em cima, um estojo da Rolex com peças para reparação de relógios mecânicos.

nomeado por essa altura cardeal patriarca de Lisboa. As intencionas sucediam-se, fracassando umas sobre outras, o PCP reorganizava-se sob a batuta de Bento Gonçalves. Lançava-se a Campanha do Trigo, proclamando-se: «o trigo da nossa terra é a fronteira que melhor nos defende». Em Outubro de 1929, numa manifestação de apoio, no discurso de agradecimento, Salazar usa pela primeira vez a frase «Nada contra a Nação, tudo pela Nação». Uma série de decretos-lei anula o pacote legislativo anti-religioso da I República e as ordens religiosas são autorizadas a regressar a Portugal. A indústria relojoeira nacional resumia-se então à Boa Reguladora, de Vila Nova de Famalicão (desaparecida no início do século XXI), que fabricava re-



Os novos formatos começavam a surgir. Cartier, Patek Phillipe e até a Audemars Piguet tentavam encontrar os caminhos da sedução até aos consumidores.



o via como um objecto efeminado, com o final do conflito, o homem europeu começou a deixar-se convencer pelo novo adereço. Diga-se que, em 1930, o mercado mundial de relógios de bolso e de pulso se repartia igualmente entre si. A partir daí, foi o crescer do último em detrimento do primeiro, hoje praticamente desaparecido das linhas de produção.

Nos loucos anos 20 e 30, na Europa e nos Estados Unidos, houve uma revolução de costumes e uma explosão de formas – na música, na dança, na arte, na arquitectura e decoração (com o Art Déco), nos relógios.

Quanto aos relógios de pulso, a elegância estava mais nas caixas rectangulares, quadradas ou em *tonneau* do que nas redondas, e há modelos de hoje que são inspirações ou cópias desses modelos, surpreendentemente grandes, com números gigantes nos mostradores. Marcas como

a Longines, por exemplo, ditavam uma estética arrojada, hoje repetida por tantas marcas.

Durante os anos 20 e 30, a indústria relojoeira suíça cresceu tremendamente. Havia novos desenvolvimentos técnicos, novos materiais. A Rolex tinha lançado, em 1926, o Oyster, o primeiro relógio verdadeiramente estanque. Em 1927, a Patek Philippe apresentava o primeiro calendário perpétuo de pulso. O vidro do mostrador em safira, à prova de risco, aparecia em 1929.

Depois da I Guerra Mundial, num clima de descompressão generalizado, o relógio de pulso tinha seguido essencialmente dois caminhos: o de relógio-jóia, enfatizando a forma; o de relógio técnico ou desportivo, enfatizando a função. Ambos se inspirariam em criadores como Adolf Loos, Walter Gropius ou Le Corbusier. Essa tendência seria confirmada na Feira Internacional de Artes Decorativas de Paris, em 1925.

A Cartier seria o epítome dessa corrente, com relógios-jóia orientalizantes e, ao mesmo tempo, relógios técnicos de linhas sóbrias (como o Tank Americano).

O relógio *baguette*, originalmente lançado pela Vacheron Constantin, cedo seria imitado pela Cartier, pela LeCoultre, Baume & Mercier, Dunhill, Lange ou Van Cleef & Arpels. As caixas redondas ficavam reservadas para os modelos automáticos e para os relógios estanques.

Se, em 1920, a Suíça tinha exportado 13,7 milhões de relógios, em 1929 atingia o auge, com 20,7 milhões. Mas o *crash* iria fazer-se sentir violentamente. Em 1930, há logo uma redução para 16,2 milhões e, em 1932, bate-se no fundo, com apenas 8,2 milhões. Só em 1935, com 15,1 milhões de relógios exportados, se chega quase ao nível de cinco anos antes e apenas em 1938 a crise foi totalmente ultrapassada, quando se atingiram

os 21,8 milhões de peças. Todas as manufacturas, europeias ou norte-americanas, sofreram brutalmente com a crise económica, e a tendência geral foi deixar de fabricar relógios em metais preciosos e passar a fazê-lo em aço, para que os preços fossem minimamente atraentes.

No auge da crise, manufacturas especializadas em alta-relojoaria viram-se forçadas a reduzir a produção e a força de trabalho. A Audemars Piguet, que tinha crescido exponencialmente durante o *boom*, trabalhando para clientes como Gubelin, Tiffany & Co., Cartier ou Bvlgari, foi das mais afectadas. Em 1929, vendeu apenas 737 relógios, contra dois mil em 1920. Produziu apenas 54 relógios em 1931 e dois em 1932, ficando praticamente parada. A International Watch Company (IWC) produziu somente 600 movimentos em 1932, e apenas para relógios de bolso.

Alguns beneficiaram com a crise. Como a Rolex. Foi neste contexto deprimido que surgiu o modelo Prince. De forma rectangular, claramente na linha estética dos anos 20, foi o relógio nostálgico de uma clientela falida, mas que, olhando para o pulso, se sentia reconfortada ao recordar tempos menos cinzentos. Hans Wilsdorf, fundador da marca, um génio do *marketing*, lançava constantemente novas ideias para vender mais relógios. Durante os anos 20, em pleno *boom*, tinha popularizado o Oyster. Quando Mercedes Gleitz atravessou a nado o Canal da Mancha com um relógio desse modelo no pulso, Wilsdorf conseguiu uma proeza de publicidade inédita para a época. Durante os anos da Grande Depressão, ele continuou a ter ideias inovadoras para vender, nomeadamente com o modelo Perpetual – o primeiro relógio automático de produção maciça, lançado em 1933 e 1934.

A resposta mundial ao *crash* foi em dois sentidos: alastramento um pouco por todo o lado dos regimes autoritários (há quem diga que o desastre bolsista de Nova Iorque foi o primeiro capítulo de uma história trágica que culminaria na II Guerra Mundial), por um lado; renascimento do proteccionismo comercial, por outro.

Em 1929, cerca de 18,5 por cento dos relógios suíços eram exportados para os Estados Unidos. Em Julho de 1930, uma lei norte-americana decretava um aumento de direitos sobre as importações de 38,5 por cento (a vigorar desde 1922), para uns brutais 53,2 por cento.

Particularmente no que diz respeito a relógios, a lei visava dificultar as classes de relógios de gama baixa e média, representando dois terços das exportações helvéticas para os EUA. O total de exportações suíças contraíu-se em 24 por cento em 1930, com as exportações para o mercado norte-

Os anos 20 e 30 foram, apesar de tudo, anos marcantes para a relojoaria suíça. O modelo Prince da Rolex, o primeiro Atmos da Jaeger-LeCoultre e o Reverso, ícone da Grand Maison, tiveram o seu nascimento neste conturbado período.



americano a caírem 48 por cento. Em retaliação face ao aumento dos direitos alfandegários sobre relógios, bordados e sapatos, a Suíça iniciou um boicote aos produtos norte-americanos. Os correios helvéticos anunciaram que não comprariam carros americanos, e os caminhos-de-ferro e os bancos suíços recusaram-se a comprar a firmas americanas.

Com o *crash*, a consolidação da indústria relojoeira suíça, que já estava em marcha desde 1926, ganhou novo ímpeto devido à queda do comércio mundial. O governo suíço criou uma super *holding*, chamada ASUAG (Allgemeine Schweizerische Uhrenindustrie AG ou Société Générale de l'Horlogerie Swiss, S.A., nome por que é conhecida em francês). Essa holding comprou a maioria das acções da Ebauches, S.A., e vários outros importantes fabricantes de calibres e componentes. A indústria, nesse tempo de crise, foi quase totalmente nacionalizada.

De fora ficariam poucas. Dos fabricantes de calibres, realce para a Valjoux, S.A., adquirida em 1929 pelos irmãos Marius e Arnold Reymond, que persistiu em continuar sozinha. Mesmo assim, os Reymond viriam a perder o controlo da empresa, vendendo-a a um grupo de investidores. Hoje, a Valjoux faz parte do conglomerado ETA, o maior fabricante suíço de calibres, por sua vez detido pelo Swatch Group.



Quanto aos fabricantes de espirais e rodas de balanço, foram várias as pequenas empresas a desaparecer ou a fundir-se, ficando, no final, apenas a Isoval e a Nivarox. Na segunda grande crise relojoeira do século, quando o relógio de quartzo asiático, nos anos 70, ameaçou de novo de morte o sector, a Isoval não resistiu e, hoje, apenas resta a Nivarox como grande fabricante, que faz igualmente parte do Swatch Group.

Depois, na alta-relojoaria, poderá citar-se o caso da Jaeger-LeCoultre que, mesmo durante o período da Grande Depressão, vendendo naturalmente muito menos, não deixou de investir em pesquisa e desenvolvimento. A manufatura lançou, em 1929, o Calibre 101, ainda hoje o mais pequeno movimento mecânico do mundo. Um ano antes, tinha lançado o revolucionário Atmos, um relógio que funciona sem corda, usando apenas as variações térmicas e de pressão atmosférica como força motriz. Depois, houve o Reverso, lançado em 1931, um clássico do Art Déco e, ainda hoje, um dos ícones da relojoaria de pulso.

Só em 1934 os Estados Unidos começaram a reduzir os direitos alfandegários, o primeiro passo para um retomar do comércio mundial e para uma saída lenta da Grande Depressão.

Quanto à indústria relojoeira norte-americana, que tinha conseguido ser competitiva tanto em relojoaria média (relógios de caixa alta, de



parede e de mesa) como em relojoaria fina (de pulso e de bolso), mercê de processos industriais revolucionários que reduziam os preços unitários, foi atingida em cheio pelo *crash*. Muitas pequenas fábricas desapareceram na voragem da falência, especialmente por, juntamente com a crise, não conseguirem adaptar rapidamente as cadeias de produção, mudando dos relógios de bolso para os de pulso. A Waltham foi uma delas.

A Waterbury Clock Co. (WCC), antepassada da Timex, esteve às portas da falência. Marcas como a Elgin ou a Hamilton quase fecharam, e apenas com o advento da II Guerra Mundial e o esforço de preparação que a antecedeu vieram a recuperar. Poderá perguntar-se: porquê? Porque os mecanismos de relojoaria foram, até há pouco tempo, essenciais para a regulação de toda uma série de bombas e outras munições. Os milhões de calibres encomendados pelo governo norte-americano às manufaturas relojoeiras nacionais, a partir de 1938, foram o balão de oxigénio para uma indústria que tinha quase sucumbido em 1929 e nos anos seguintes.

Portugal, país neutro durante o conflito, importou, entre 1939 e 1945, um número recorde de calibres suíços. Para exportar depois para os dois lados – Inglaterra e Alemanha... Esses calibres acabariam em *tabliers* de aviões ou em mecanismos de detonação de bombas.



PATEK PHILIPPE
GENEVE

Begin your own tradition.

Nunca somos verdadeiramente donos de um Patek Philippe.
Apenas cuidamos dele para a geração seguinte.

DAVID ROSAS
time experts

Lisboa . Avenida da Liberdade 69A . T 213 243 870
Porto . Avenida da Boavista 1471 . T 226 061 060
Funchal . Avenida Arriaga 32 . T 291 700 560
www.davidrosas.com

Calendário Anual Ref. 5396R,
botões de punho Calatrava.

